

JOHN C. DAWSEY

A RTE E CRIAÇÃO:

JORNADAS DE UM DEUS TRICKSTER

A RT AND CRATION:

TRICKSTER GOD'S JOURNEYS

RESUMO

A seguir, tomando o deus grego Hermes como um guia, pretende-se explorar a ideia de que processos de criação podem envolver não apenas o deslocamento às margens, mas, ainda, um duplo deslocamento, às margens das margens. Essa ideia, que se inspira especialmente no pensamento de Walter Benjamin, também ilumina algumas das discussões mais interessantes da antropologia de Victor Turner. No mito da criação narrado no registro do trickster o não diz não a si mesmo.

ABSTRACT

With guidance from the Greek god Hermes, this paper intends to explore the idea that creative processes may involve not only displacement to margins, but, a double displacement as well, to margins of margins. Inspired by readings of Walter Benjamin, this idea also illumines Victor Turner's anthropology. According to the myth of creation, as told from the standpoint of the trickster, nothing says no to itself.

Convido ouvintes a uma viagem: uma discussão sobre arte e criação.¹ Nosso guia, o deus grego Hermes, um *trickster* ou trapaceiro afeito às jornadas. Uma curiosidade: em jogos de cartas de tarô, Hermes é o padrinho do mago. O mago dos arcanos, a carta número um. O mago reúne características de um ser criativo, trapaceiro, orador, sábio, caminhante e aventureiro. Ele também tem um lado sombrio, pois conhece os submundos e os caminhos que levam aos reinos dos mortos. Tem afinidades com os artistas e se associa à cabala.

A seguir, no registro do *trickster*, quero explorar a ideia de que processos de criação podem envolver não apenas o deslocamento às margens, mas, ainda, um duplo deslocamento, às margens das margens. Essa ideia, que se inspira especialmente no pensamento de Walter Benjamin, também ilumina algumas das discussões mais interessantes de Victor Turner. Uma fonte subterrânea ilumina ambos os autores: as correntes místicas do pensamento hebreu. No caso de Benjamin, a cabala de Isaac Lúria sobre qual leu nos escritos do seu amigo Gershom Scholem (1995; 1997). E, no caso de Turner, a experiência mística do hassidismo, que se manifesta nas ideias de Martin Buber (1970) sobre relações “eu-tu”. Em Benjamin, uma noção aguda do estilhaçamento da experiência; em Turner, a busca de uma experiência de *communitas* que surge do *límen*. Embora as diferenças entre ambos sejam profundas, as afinidades também chamam atenção.

Início com uma discussão sobre processos de criação. A seguir, uma discussão de afinidades entre Benjamin e Turner. Três delas se evidenciam nesse ensaio: 1) ao realizarem uma arqueologia da experiência, Turner encontra a experiência do liminar, e Benjamin a

grande tradição narrativa; 2) ao discutirem transformações que acompanham o capitalismo industrial, Turner fala de um *sparagmos*, ou desmembramento das formas de ação simbólica; e Benjamin da ruína da experiência e do estilhaçamento da tradição; e 3) na busca por formas de reconstituir uma experiência, as atenções de Turner se dirigem às formas *liminóides* de ação simbólica, e as de Benjamin às novas formas narrativas. No final da apresentação, uma nota sobre o trajeto percorrido.

Não diz não a si mesmo: a criação do mundo no registro do trickster

Em seu “Mito da criação” (*Creation myth*) o filósofo e crítico literário Kenneth Burke (1968, p. 5) escreve:

No princípio havia o Nada universal.
Então Nada disse não a si mesmo gerando Alguma Coisa,
que se chamou Sim.
Ao coabitarem, então, Nada e Sim geraram Talvez.

*[In the beginning, there was universal Nothing.
Then Nothing said No to itself and thereby begat Something,
which called itself Yes.
Then No and Yes, cohabiting, begat Maybe.]*

Esse mito da criação leva jeito de *trickster*: o não trapaceia a si mesmo. “O não disse não a si mesmo”.ⁱⁱ

Num dos livros favoritos de Benjamin, *A estrela da redenção* (*The star of redemption*), de Franz Rosenzweig (2005), vem escrito: “No Sim não há nada que o empurre além de si mesmo [...]. O movimento precisa vir do Não. [...] O Não é a negação original do nada. [...] Trata-se de uma luta não de dois, mas de um só; o nada diz não a si mesmo. [...] O nada que diz não a si mesmo era o nada de Deus que nega-se a si mesmo” (minha tradução; Rosenzweig 2005, p. 36, 37). Assim surge o Sim: “Do nada mais uma vez se

avoluma, justamente pela impossibilidade de permanecer como nada, a afirmação original, o Sim do não-nada” (minha tradução. Ibid, p. 50).

A inspiração vem da cabala. Em destaque, a cabala tal como se manifesta no pensamento de Isaac Lúria (1534-72). No sistema de Lúria, o “nada” se apresenta como um espaço primordial. Gershom Scholem (1995, p. 26-27), um estudioso da cabala que manteve ao longo de sua vida uma correspondência com Benjamin, escreve:

Este Nada do qual tudo brotou não é de forma alguma mera negação [...]. Na verdade, [...] este Nada – para citar um dos cabalistas – é infinitamente mais real do que qualquer outra realidade.

Scholem (1995, p. 291-292) descreve a doutrina do *tzimtzum*, ou autolimitação de Deus, articulada por Lúria:

Deus foi compelido a dar espaço ao mundo, abandonando, por assim dizer, uma região dentro d’Ele, uma espécie de espaço primordial místico de onde Ele se retirou a fim de voltar aí no ato da Criação e Revelação. (...)

Somos tentados a interpretar esse retraimento de Deus dentro de seu próprio Ser em termos de Exílio, de banir-se Ele próprio de Sua totalidade para a mais profunda reclusão.

Na cabala, o criador trapaceia a si mesmo.

A seguir, as três afinidades entre Benjamin e Turner: a) liminaridade e a grande tradição narrativa; b) *sparagmos* e o estilhaçamento da tradição; e c) fenômenos *liminoides* e novas formas narrativas.

A vida social diz não a si mesma: a experiência do *límen* e a grande tradição narrativa

De acordo com Victor Turner (1969), a vida social se recria no *límen*. A vida social se ilumina a partir das margens. Na interrupção da vida cotidiana, nos momentos de suspensão de papéis sociais, a sociedade brinca com o perigo. E trapaceia a si mesma. Ela provoca um deslocamento do lugar vivido das coisas. Com efeitos de estranhamento, se produz conhecimento. Elementos estruturalmente arredios emergem com força. Estruturas se decompõem. Observa-se o desmembramento. E, também, os processos de recomposição. De lugares subterrâneos emergem elementos não resolvidos da vida social. O real se revela no registro da subjuntividade, do “como se”, ou do que pode vir a ser. Figuras díspares entram em relações bruscas e inesperadas. Dos fundos do esquecimento, lampejam imagens suprimidas, carregadas de esperanças. Do desmembramento à rememoração. Da mortificação dos sentidos do corpo, a renovação dos sentidos do mundo. *Tomb and womb*, túmulo e útero. Às margens da vida social, surgem símbolos poderosos capazes de revitalizar estruturas ossificadas. No espelho mágico dos rituais, às margens da vida cotidiana, se recriam universos sociais e simbólicos. No *límen*, nas margens, o corpo social renasce. Como quem retorna ao pó e se transforma em argila úmida nas mãos de uma oleira oculta, como matéria embrionária prestes a ganhar vida num gesto de criação, as pessoas podem ver-se como sendo feitas do mesmo barro. Trata-se da experiência de *communitas*, de qual fala Victor Turner. Experiência marcante. Nos corpos as marcas da transformação. Observa-se o desvio. O movimento criativo da vida social surge das forças do *límen*, ou da anti-estrutura. Elementos estruturalmente arredios revitalizam processos estruturantes. No *límen* as sociedades dizem não a elas mesmas. E assim se recriam.

Em Turner, a experiência do *límen*. Em Benjamin, a experiência, ou *Erfahrung* (conforme o termo alemão), que brota da grande tradição narrativa. A tradição narrativa, diz Benjamin (1985b), também se recria na experiência da passagem. Experiência do *límen*. Experiência tem a ver com a figura de quem viaja. O marinheiro, que vem de longe e tem histórias para contar. Ou, também, o camponês sedentário que se afunda no tempo e nas histórias e tradições de um lugar de onde jamais saiu (Benjamin 1985b, p. 198-199). Através de viajantes e contadores de histórias, se forma a grande tradição narrativa. E se recria a experiência, *Erfahrung*. Experiência associa-se ao deslocamento no tempo e no espaço. *Erfahrung*, diz Jeanne Marie Gagnebin (1994, p. 66), “vem do radical *fahr* – usado no antigo alemão no seu sentido literal de percorrer, de atravessar uma região durante uma viagem”. Os cognatos germânicos de *per*, que envolvem a transformação da letra *p* em *f*, remetem ao radical *fahr*.

Turner também discute essa etimologia. A palavra “experiência” deriva do termo indo-europeu **per-*, “tentar, aventurar, arriscar”. O termo grego *perao*, diz Turner (1986, p. 35), evoca a ideia de “passagem”, ou rito de passagem. Em grego e latim, experiência tem a ver com “perigo, pirata, e ex-per-imento”. Embora se inspire nos escritos de Dilthey sobre *Erlebnis* (“vivência”) Turner se aproxima, em sua etimologia da experiência, da noção de *Erfahrung*. Acima de tudo, *Erfahrung* evoca a experiência coletiva do liminar.

Experiência, perigo. Na chegada do estranho, que vem de outros tempos ou espaços, observa-se o deslocamento do familiar. O efeito de estranhamento. O distante no aqui e agora. A presença do passado no presente. E o seu efeito sismológico. Observa-se o estremeamento, a inervação dos corpos. O passado faz estremecer o presente. Feitiçaria da

história. Em momentos de perigo, imagens do passado se articulam ao presente. ganhando movência, entrando em ação, o passado diz não a si mesmo. Trapaceia a si mesmo e toma de assalto o presente.

Sociedade contra o outro, e contra o deus trickster, trapaceiro: *sparagmos* e estilhaçamento

Em alguns dos seus últimos escritos, Turner dirige as suas atenções para o mundo moderno, e para os desdobramentos da Revolução Industrial. Ele fala de um *sparagmos*, ou desmembramento das formas de ação simbólica (Turner 1986, p. 42). Acompanhando a fragmentação das relações humanas, as formas de significar o mundo também se dispersam. Em meio a teias de significado que se fragilizam, ou se rompem, cai sobre o indivíduo a tarefa de encontrar o sentido das coisas. Observa-se o enfraquecimento da experiência liminar.

Em “Liminal to liminoid...”, Turner (1982) mostra como, em sociedades industriais, as atividades humanas se separam em esferas do trabalho e do lazer. Às margens das atividades consideradas mais importantes da vida social, surgem gêneros *liminóides*. O sufixo grego *oid* (derivado de *eidos* – “uma forma de”, ou “parecido com”) denota a semelhança. E a diferença (Ibid., p. 32). Expressões liminóides se caracterizam pela perda.

Se, na experiência liminar, temos algo como um grande espelho mágico – ou uma espécie de “espelhão” coletivo – a experiência liminóide pode sugerir uma dispersão de espelhos. Ou até mesmo um estilhaçamento. Espelhos mágicos se partem. Em seu lugar surge uma multiplicidade de fragmentos e estilhaços de espelhos, com efeitos

caleidoscópicos, produzindo uma imensa variedade de cambiantes, irrequietas e luminosas imagens. ⁱⁱⁱ

Na cabala de Isaac Lúria, como visto acima, chama atenção a doutrina do *tzimtzum*, ou da autolimitação de Deus. Ali também, como revelam os estudos de Scholem (1995, p. 297-299; 1997, p. 133), se encontra a ideia da *schevirá*, da ruptura ou estilhaçamento dos vasos da vida. Tal ideia marca o pensamento de Benjamin.

Despedaçamento da linguagem, esfacelamento da experiência. Em “O narrador”, Benjamin (1985b, p. 197-198) observa que os combatentes da primeira guerra mundial “voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”. Em *A conquista da América*, com a chegada dos espanhóis, Tzvetan Todorov diz, os deuses se calam. “Os astecas (...) descrevem o início de seu próprio fim como um silêncio que cai: os deuses não lhes falam mais” (Todorov 1991, p. 59).

Soa um alarme. Os outros não nos falam mais. Foram silenciados. No estilhaçamento da experiência, a perda do *límen*, a eliminação do outro, o silenciamento dos deuses. Em tempos assim, quem ouve os risos de um deus capaz de dizer não a si mesmo? Ou da vida social que brinca com o perigo mobilizando as forças do *límen* e trapaceando a si mesma? Um deus trapaceiro também se manifesta como um deus agonizante.

Não diz não a si mesmo (de volta ao começo!): os fenômenos *liminoides* e as novas formas narrativas

Na busca por formas de reconstituir uma experiência, seja a do *límen*, seja a da grande tradição narrativa, uma terceira afinidade.

Enquanto as atenções de Turner se dirigem às formas *liminóides* de ação simbólica, as de Benjamin se voltam às novas formas narrativas. Ou, melhor diríamos, anti-narrativas? Narrativas que trapaceiam a si mesmas, capazes de escovar as histórias que elas contam a contrapelo?

Sob o signo da tragédia, como vimos, Turner (1986, p. 42) narra o *sparagmos* ou desmembramento das formas de ação simbólica. Observa-se o enfraquecimento. Tal como um deus da cabala, o *límen* se retrai. Entra numa espécie de exílio. No vazio desse banimento surgem as formas *liminóides*. São parecidas com fenômenos liminares. No entanto, as diferenças chamam atenção. Enquanto fenômenos liminares tendem a ser coletivos, as novas formas *liminóides* são individualizadas. Enquanto fenômenos liminares tem a força coletivas das obrigações sociais – envolvendo códigos da dádiva, do dar, receber e retribuir – as formas *liminóides* surgem como atividades voluntárias, de escolha individual e, muitas vezes, de mercado (cf. Turner 1982, p. 53-55).

De acordo com Turner (Ibid., p. 54), as formas *liminóides* “se desenvolvem à parte dos processos econômicos e políticos centrais, às suas margens” (minha tradução). Ao passo que *fenômenos liminares* “se integram centralmente ao processo social total”, os *fenômenos liminóides* permanecem às margens (Ibid., Ibidem). Ou seja, ficam às margens do *límen*, às margens das margens. Enfim, gostaria de propor, as formas *liminóides* possivelmente brincam mais com o perigo, e se tornam mais criativas, na medida em que proporcionam um duplo deslocamento, às margens das margens.

Diante do enfraquecimento da experiência do liminar, Turner volta as suas atenções para as expressões *liminóides*. Por sua vez, em face

à degradação da grande tradição narrativa, Benjamin toma interesse por novas formas narrativas que se evidenciam nas artes.

Dialética do olhar. No surrealismo, Benjamin descobre uma *iluminação profana*: “De nada nos serve a tentativa patética ou fanática de apontar no enigmático o seu lado enigmático; só devassamos o mistério na medida em que o encontramos no cotidiano, graças a uma ótica dialética que vê o cotidiano como impenetrável e o impenetrável como cotidiano” (Benjamin 1985a, p. 33).

Chama atenção o duplo estranhamento: em relação ao cotidiano e, também, em relação ao extraordinário (ou impenetrável). Margens das margens. Seria esse duplo estranhamento uma das características de vanguardas artísticas e artes cênicas do século vinte e do século vinte e um?

Se no *límen* descobrimos o movimento negativo da vida social – o movimento por qual ela diz NÃO a si mesma – no duplo deslocamento às margens das margens se revela o movimento do NÃO que diz NÃO a si mesmo.

Repensando o trajeto

Ritos de passagem, diz Arnold Van Gennep (1960), são constituídos por três momentos, ou sub-ritos: a) ritos de separação, b) ritos de transição, ou do *límen* e c) e ritos de reagregação. Creio que o percurso que fizemos ao longo dessa apresentação sugere um rito de passagem insólito. Já iniciamos com uma discussão do *límen*. Depois tratamos de um *sparagmos* ou de uma desagregação de formas expressivas. Finalmente, em vez de concluir com uma reflexão sobre processos de reagregação, fomos levados às margens das margens. Ou,

simplesmente, a um estado de passagem. Enfim, o próprio rito de passagem trapaceia a si mesmo.

Acho que isso tem a ver com o nosso guia, o deus Hermes, um trickster afeito às passagens e aos caminhos da criação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1985a) O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas:magia e técnica, arte e política*. Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 21-35.

BENJAMIN, Walter. (1985b) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas:magia e técnica, arte e política*. Volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 197-221.

BUBER, Martin. (1970). *I and Thou*. New York: Charles Scribner's Sons.

BURKE, Kenneth. (1966) *Language as symbolic action*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

BURKE, Kenneth. (1968) *Collected poems 1915-1967*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

DAWSEY, John. (2005) Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*. São Paulo: USP, v. 13, p. 163-176.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1994) *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.

ROSENZWEIG, Franz. (2005) *The star of redemption*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.

SCHOLEM, Gershom. (1995) *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Editora Perspectiva.

SCHOLEM, Gershom. (1997) *A cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

TODOROV, Tzvetan. (1991) *A conquista da América: a questão do outro*. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes.

TURNER, Victor. (1969) Liminality and communitas. In: TURNER, Victor. *The ritual process: structure and anti-structure*. Ithaca, New York: Cornell University Press, p. 94-130.

TURNER, Victor. (1982) Liminal to liminoid, in play, flow, ritual: an essay in comparative symbology. In: TURNER, Victor. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, p. 20-60.

TURNER, Victor. (1986) Dewey, Dilthey, and drama: an essay in the anthropology of experience. In: TURNER, Victor, e BRUNER, Edward M., orgs. *The anthropology of experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, p. 33-44.

TURNER, Victor. (1987) Images and reflections: ritual, drama, carnival, film and spectacle in cultural performance. In: TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications.

VAN GENNEP, Arnold. (1960) [1908] *The rites of passage*. Chicago: The University of Chicago Press.

NOTAS

ⁱ Este texto serviu de roteiro para a minha apresentação no II Encontros Arcanos: Teatro e Magia – Fronteiras da Criação, realizado no SESC Centro, CCUFG, Espaço Sonhus, em Goiânia, Goiás, durante o período de 24 a 27 de setembro de 2015. Cada Encontros Arcanos ocorre sob o signo de uma carta do tarô. No II Arcanos a carta escolhida foi a do mago, a número um do tarô. Meus agradecimentos ao convite da comissão organizadora formada pelos Profs. Drs. Alexandre Nunes (UFG), Luciana Lyra (UERJ), Robson Haderchpek (UFRN) e Verônica Fabrini (UNICAMP). Agradeço ao Prof. Alexandre Nunes pelo estímulo para publicar este pequeno texto.

ⁱⁱ Chama atenção a importância do negativo, do não, no pensamento de Kenneth Burke, tal como pode ser visto em seu livro *Language as symbolic action*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1966.

ⁱⁱⁱ A metáfora do “espelho mágico” aparece no ensaio “Images and reflections: ritual, drama, carnival, film and spectacle in cultural performance”, de Victor Turner (1987, p. 22), entre outros escritos do autor. Em um ensaio anterior, procurei discutir a ideia de um estilçamento do espelho mágico (cf. Dawsey 2005).

Artigo submetido em: 11/11/2019

Aprovado em: 24/12/2019